

Da mesma autora dos best-sellers
Belo desastre e *Desastre iminente*

Belo
CASAMENTO



JAMIE McGUIRE

JAMIE McGUIRE

Belo
CASAMENTO

Tradução
Ana Death Duarte



Editora: Raïssa Castro
Coordenadora editorial: Ana Paula Gomes
Copidesque: Anna Carolina G. de Souza
Revisão: Tássia Carvalho
Capa e projeto gráfico: André S. Tavares da Silva
Título original: A Beautiful Wedding

ISBN: 978-85-7686-353-3

Copyright © Jamie McGuire, 2013
Todos os direitos reservados.

Tradução © Verus Editora, 2014

Direitos reservados em língua portuguesa, no Brasil, por Verus Editora. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

Verus Editora Ltda.
Rua Benedicto Aristides Ribeiro, 41, Jd. Santa Genebra II, Campinas/SP, 13084-753
Fone/Fax: (19) 3249-0001 | www.veruseditora.com.br

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M429b

McGuire, Jamie

Belo casamento [recurso eletrônico] / Jamie McGuire ; tradução Ana Death Duarte. - 1. ed. - Campinas, SP : Verus, 2014.
recurso digital.

Tradução de: A Beautiful Wedding

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: Word Wide Web

ISBN 978-85-7686-353-3 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. I. Duarte, Ana Death. II. Título.

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Revisado conforme o novo acordo ortográfico

Para Deana e Selena

Se eu estivesse me afogando, você abriria o mar
E arriscaria a própria vida para me salvar.
— JON BON JOVI, “Thank You for Loving Me”

Sumário

[Capa](#)

[Rosto](#)

[Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[Epígrafe](#)

[1 | Álibi](#)

[2 | Caminho de volta](#)

[3 | Pessoa de sorte](#)

[4 | Três horas](#)

[5 | Pega](#)

[6 | Mortou ou vivo](#)

[7 | Dinheiro vivo](#)

[8 | Finalmente](#)

[9 | Antes](#)

[10 | Tatuada](#)

[11 | A volta para casa](#)

[12 | Aniversário de casamento](#)

[13 14 | Solteira](#)

[15 | Felizes para sempre](#)

[Colofon](#)

1

ÁLIBI

Abby

Eu podia sentir aquela coisa vindo: uma crescente e persistente inquietação que se arrastava sob a minha pele. Quanto mais eu tentava ignorá-la, mais insuportável se tornava: uma coceira que precisava ser arranhada, um grito borbulhando rumo à superfície. Meu pai dizia que a necessidade incontrolável de sair correndo quando as coisas estavam prestes a dar errado era como um tique nervoso, um mecanismo de defesa dos Abernathy. Senti isso instantes antes do incêndio e estava sentindo agora.

Sentada na cama do Travis, só algumas horas depois do incêndio, meu coração estava disparado e meus músculos estremeavam. Minha intuição me impulsionava em direção à porta. Ela me mandava sair dali; cair fora, para qualquer lugar, menos ali. Mas, pela primeira vez na vida, eu não queria ir sozinha. Eu mal conseguia me concentrar naquela voz que eu tanto amava descrevendo quanto temia me perder e como ele estava prestes a escapar quando saiu correndo para o lado oposto, em direção a mim. Tanta gente morreu — alguns eram desconhecidos da Estadual, mas outros eram pessoas que eu tinha visto no refeitório, na sala de aula, em outras lutas.

De alguma forma, nós sobrevivemos e estávamos sentados, sozinhos, no apartamento do Travis, tentando processar aquilo tudo. Sentindo medo, sentindo culpa... pelos que morreram e por termos sobrevivido. Meus pulmões pareciam cheios de teias de aranha e fogo, e eu não conseguia tirar o cheiro repugnante de pele tostada do nariz. Era esmagador, e, mesmo tendo tomado um banho, ele ainda estava ali, misturado ao cheiro de menta e lavanda do sabonete que eu tinha usado para tirar aquilo de mim. As sirenes, os lamentos, as falas preocupadas e cheias de pânico e os gritos de quem chegava à cena e descobria que um amigo ainda estava lá dentro. Todo mundo com a mesma aparência, coberto de fuligem, com a expressão idêntica de perplexidade e desespero. Foi um pesadelo.

Apesar da minha luta para me concentrar, eu ouvi quando ele disse isto: “A única coisa que eu tenho medo é de viver sem você, Beija-Flor”.

Nós tínhamos sorte demais. Até mesmo em um canto sombrio de Las Vegas, sendo atacados pelos capangas do Benny, de alguma forma ainda estávamos em vantagem. Travis era invencível. Mas fazia parte do Círculo e ajudara a organizar uma luta em condições inseguras que havia resultado na morte de inúmeros alunos da faculdade... Essa era uma luta que nem mesmo Travis Maddox poderia vencer. Nosso relacionamento resistira a muitas coisas, mas Travis corria um risco real de ir para a

cadeia. Mesmo que ele não soubesse disso ainda, esse era o único obstáculo que poderia nos manter afastados. O único obstáculo sobre o qual não tínhamos nenhum controle.

— Então você não precisa ter medo de mais nada — falei. — Nós estamos juntos para sempre.

Ele suspirou e pressionou os lábios nos meus cabelos. Eu não achava que era possível ter tanto sentimento por alguém. Ele havia me protegido. Agora era a minha vez de protegê-lo.

— É isso — ele disse.

— O quê?

— Eu sabia, no segundo em que te conheci, que havia algo em você que eu precisava. Acabou que não era algo em você. Era simplesmente você.

Eu derreti por dentro. Eu o amava. Eu o amava e precisava fazer o que fosse preciso para mantê-lo a salvo. O que fosse necessário... independentemente de quão maluco fosse. Tudo o que eu tinha de fazer era convencê-lo disso.

Eu me inclinei sobre ele, pressionando a bochecha em seu peito.

— Somos *nós*, Trav. Nada faz sentido se não estivermos juntos. Você percebeu isso?

— Se percebi? Faz um ano que eu te falo isso! É oficial. Mulheres, lutas, términos, Parker, Vegas... até mesmo incêndios... Nosso relacionamento pode aguentar qualquer coisa.

— Vegas? — perguntei.

Naquele instante, o plano mais insano de todos se formou na minha cabeça, mas a ideia fazia sentido enquanto eu mirava aqueles cálidos olhos castanhos. Aquelos olhos faziam tudo ter sentido. Seu rosto e seu pescoço ainda estavam cobertos de fuligem misturada ao suor, um lembrete de quão próximos estivemos de perder tudo.

Minha mente estava a mil. Nós só precisaríamos do essencial e poderíamos sair por aquela porta em cinco minutos. A gente podia comprar roupas por lá. Quanto mais cedo partíssemos, melhor. Ninguém acreditaria que duas pessoas pegariam um avião logo depois de uma enorme tragédia como aquela. Não fazia sentido, e era exatamente por isso que tínhamos de fazer aquilo.

Eu precisava levar Travis para longe, por um motivo específico. Algo verossímil, ainda que fosse loucura. Por sorte, loucura não era algo tão distante assim para Travis e para mim, e era possível que os investigadores acabassem duvidando das dezenas de testemunhas que o viram lutando no porão do Keaton Hall — se tivessem provas de que estávamos nos casando em Vegas, horas depois do incêndio. Era completamente maluco, mas eu não sabia o que mais poderia fazer. Eu não tinha tempo para pensar num plano melhor. Nós já deveríamos ter partido.

Travis me encarava cheio de expectativa, esperando para aceitar incondicionalmente qualquer coisa que saísse da minha boca maluca. Eu o amava. Droga, eu o amava e não podia perdê-lo agora, não depois de tudo pelo que passamos para chegar até aqui. Pelos padrões de qualquer um, éramos jovens demais para casar, imprevisíveis demais. Quantas vezes já tínhamos ferido um ao outro no meio do caminho, gritado um com o outro num minuto e caído juntos na cama no seguinte? Mas tínhamos acabado de ver como a vida era frágil. Quem poderia saber quando o fim chegaria e levaria um de nós? Olhei para ele, determinada. Ele era meu, e eu dele. Se eu

tinha alguma certeza no mundo, era que só essas duas coisas importavam.

Ele franziu a testa.

— O que tem?

— Você já pensou em voltar lá?

As sobrelhas dele se ergueram.

— Não acho uma boa ideia.

Semanas antes, eu havia partido o coração dele. A imagem de Travis perseguindo o carro de America quando se deu conta de que as coisas tinham acabado ainda estava fresca na minha memória. Ele ia lutar para o Benny em Vegas, e eu não colocaria os pés lá de novo. Nem mesmo por ele. Ele tinha vivido um inferno enquanto estávamos separados. Travis me implorara de joelhos para voltar, e eu estava tão determinada a nunca mais retornar para a minha vida em Nevada que saí andando. Eu seria uma tremenda idiota se pedisse para ele voltar para aquele lugar. Eu meio que esperava que ele me mandasse para o inferno só por mencionar essa possibilidade, mas esse era o meu único plano e eu estava desesperada.

— E se fosse só por uma noite?

Uma noite era tudo que eu precisava. Nós só precisávamos estar *em algum outro lugar*.

Ele olhou ao redor do quarto, buscando na escuridão o que achava que eu queria ouvir. Eu não queria ser esse tipo de garota, que não abre o jogo e acaba causando um enorme e estúpido mal-entendido. Mas eu não podia contar ao Travis a verdade sobre o motivo pelo qual eu tinha acabado de pedir a mão dele em casamento. Ele nunca concordaria em ir.

— Uma noite?

Era óbvio que ele não fazia a menor ideia do que responder. Provavelmente pensou que fosse um teste, mas a única coisa que eu queria era que ele dissesse sim.

— Casa comigo — falei sem hesitar.

A boca dele se abriu num suspiro silencioso. Esperei uma eternidade até que os lábios dele se curvassem para cima, e ele selou a boca na minha. O beijo dele gritava milhares de emoções diferentes. Meu cérebro parecia inchado com pensamentos conflitantes de alívio e pânico. Aquilo ia dar certo. A gente ia se casar, Travis teria um alibi e tudo ia ficar bem.

Ah, que inferno.

Droga. Merda. *Porra*.

Eu ia me casar.



Travis

Abby Abernathy era famosa por uma coisa: ela não tinha um tique que a entregasse. Ela podia cometer um crime e sorrir como se fosse um dia qualquer, mentir sem nem piscar. Só uma pessoa no mundo tinha alguma chance de descobrir qual era o tique dela, e essa

pessoa precisava sacar isso logo se quisesse ter uma chance com ela.

Eu.

Abby perdera a infância e eu tinha perdido a minha mãe, então, para duas pessoas que lutavam para permanecer na mesma página, nós estávamos na mesma história. Isso me dava uma vantagem, e, depois de fazer disso o meu objetivo nos últimos meses, cheguei a uma resposta.

O tique da Abby era não ter um. Isso pode não fazer sentido para a maioria das pessoas, mas para mim fazia todo o sentido do mundo. Era a ausência de tique que a entregava. A paz em seus olhos, a suavidade no sorriso, os ombros relaxados, tudo isso me alertava de que havia algo errado.

Se eu não a conhecesse bem, poderia ter pensado que esse era simplesmente o nosso final feliz, mas ela estava aprontando alguma. Sentado no terminal, esperando para embarcar em um avião para Vegas, com Abby aninhada no contorno do meu corpo, eu sabia que era fácil tentar ignorar isso. Ela continuava erguendo a mão, admirando o anel que eu tinha comprado para ela e suspirando. A mulher de meia-idade à nossa frente observava minha noiva e sorria, provavelmente fantasiando sobre uma época em que ela tinha a vida toda pela frente. Ela não sabia o que aqueles suspiros realmente significavam, mas eu tinha ideia.

Era difícil ficar feliz com o que estávamos prestes a fazer com a nuvem de tantas mortes pairando sobre a nossa cabeça. Não, sério, aquilo estava literalmente sobre a nossa cabeça. Uma televisão na parede exibia as notícias locais. Cenas do incêndio e as atualizações mais recentes sobre o assunto rolavam pela tela. Eles entrevistaram Josh Farney. Ele estava coberto de fuligem e com uma aparência horrível, mas fiquei feliz por ele ter conseguido escapar. Ele estava razoavelmente bêbado quando o vi antes da luta. A maioria das pessoas que iam ao Círculo já chegava bêbada ou enchia a cara enquanto esperava que meu oponente e eu trocássemos socos. Quando as chamas começaram a se espalhar pela sala, a adrenalina foi bombeada na veia de todo mundo — o bastante para fazer com que até o mais embriagado ficasse sóbrio.

Eu queria que aquilo não tivesse acontecido. Nós tínhamos perdido tantas pessoas, e isso não era exatamente algo que alguém desejaria que acontecesse antes de seu casamento. Por experiência própria, eu sabia que a lembrança de uma tragédia podia ser colocada no lugar errado. Ligar essa data a algo que celebraríamos ano após ano manteria a tragédia viva na nossa mente. Droga, eles ainda estavam retirando corpos, e eu agindo como se isso fosse uma chateação. Havia pais do lado de fora que não faziam ideia de que nunca mais veriam os filhos novamente.

Esse pensamento egoísta levou à culpa, e a culpa levou a uma mentira. De qualquer forma, era puro milagre estarmos nos casando bem agora. Mas eu não queria que Abby achasse que eu estava qualquer coisa além de animado pra caralho com o casamento. Conhecendo Abby, sei que ela interpretaria errado e mudaria de ideia. Então eu me concentrei nela e no que estávamos prestes a fazer. Eu queria ser um noivo normal, capaz de vomitar de tanta animação, e ela não merecia nada menos que isso. Essa não seria a primeira vez em que eu fingiria não me importar com algo que não conseguia tirar da cabeça. A prova viva disso estava aninhada ao meu lado.

Na tela da TV, a âncora do noticiário se encontrava do lado de fora do Keaton Hall segurando o microfone com ambas as mãos, com uma ruga de expressão entre as

sobrancelhas. “... o que as famílias das vítimas estarão se perguntando: de quem é a culpa? Com você de novo, Kent.”

De repente, a náusea se tornou real. Tantas pessoas tinham morrido, claro que teriam de responsabilizar alguém por isso. Seria culpa do Adam? Ele iria para a cadeia? Eu iria? Abracei Abby junto a mim e beijei seus cabelos. Uma mulher atrás de uma mesa pegou um microfone e se pôs a falar, e meu joelho começou a saltar incontrolavelmente. Se não fôssemos embarcar em breve, eu poderia pegar a Abby e correr até Vegas. Eu sentia como se fosse capaz de chegar lá antes do avião. A atendente nos instruiu sobre o embarque, sua voz subia e descia com o anúncio que provavelmente ela já tinha lido um milhão de vezes. Ela soava como a professora naqueles desenhos animados da *Turma do Charlie Brown*: entediada, monótona e impossível de entender.

A única coisa que fazia sentido eram os pensamentos que se repetiam na minha cabeça: eu estava prestes a me tornar o marido da segunda mulher que amei na vida.

Estava quase na hora. Droga. Merda, é! Porra, é!

Eu ia me casar!

2

O CAMINHO DE VOLTA

Abby

Fiquei olhando a pedra reluzente em meu dedo e suspirei mais uma vez. Não era um suspiro despreocupado que uma jovem noiva poderia soltar enquanto admira seu enorme diamante. Era um suspiro carregado de pensamento. Um pensamento denso e reflexivo, que me fazia pensar de maneira ainda mais densa e reflexiva. Mas eu não ia mudar de ideia. A gente não podia ficar longe um do outro. O que estávamos prestes a fazer era inevitável, e Travis Maddox me amava do jeito que a maioria das pessoas sonhava. Meu suspiro estava cheio de preocupação e esperança no meu plano idiota. Eu queria tanto que Travis ficasse bem que isso era quase palpável.

— Para com isso, Flor — disse Travis. — Você está me deixando nervoso.

— É que... é muito grande!

— Fica perfeito no seu dedo — ele respondeu, se ajeitando na cadeira.

Nós estávamos sentados entre um homem de negócios que falava baixo ao celular e um casal de idosos. Uma atendente estava parada atrás da mesa no portão de embarque, falando em algo que parecia um rádio amador. Eu me perguntei por que simplesmente não usavam um microfone comum. Ela anunciou alguns nomes e então pendurou o dispositivo em algum lugar atrás da mesa.

— O voo deve estar cheio — Travis disse.

O braço esquerdo dele estava apoiado no encosto da minha cadeira, seu polegar roçando gentilmente meu ombro. Travis estava tentando parecer relaxado, mas seu joelho trêmulo o entregava.

— O diamante é grande demais. Parece que vou ser roubada a qualquer momento — falei.

Travis riu.

— Primeiro, ninguém vai pôr a mão em você, nem fodendo. Segundo, esse anel foi feito para estar no seu dedo. Eu soube assim que vi...

“Atenção, passageiros do voo 2477 da American Airlines com destino a Las Vegas, estamos procurando três voluntários para embarcar num voo posterior. Oferecemos vouchers de viagem com validade de um ano a contar da partida.”

Travis olhou para mim.

— Não.

— Você está com pressa? — ele perguntou, com um sorriso presunçoso no rosto.

Eu me inclinei e o beijei.

— Pra falar a verdade, estou.

Ergui o dedo e limpei a manchinha de fuligem que ele não limpou no banho, sob seu nariz.

— Valeu, baby — ele disse, me apertando junto à lateral de seu corpo.

Ele olhou ao redor, com o queixo erguido e os olhos brilhantes. Travis estava em seu melhor humor desde a noite em que ganhara nossa aposta. Isso me fez sorrir. Inteligente ou não, a sensação de ser tão amada era boa, e ali naquele instante e naquele lugar eu decidi que pararia de me desculpar por isso. Havia coisas piores do que encontrar sua alma gêmea tão cedo, e o que era cedo demais, de qualquer forma?

— Tive uma discussão com a minha mãe sobre você uma vez — Travis disse, olhando através da parede de vidro à nossa esquerda.

Ainda estava escuro. O que quer que ele tenha visto não se encontrava do outro lado.

— Sobre mim? Isso não é meio que... impossível?

— Na verdade, não. Foi no dia em que ela morreu.

A adrenalina irrompeu de onde costuma irromper e se apressou pelo meu corpo, se acumulando nos dedos das minhas mãos e pés. Travis nunca tinha falado da mãe comigo. Muitas vezes eu quis lhe perguntar sobre ela, mas pensava na náusea que tomava conta de mim quando alguém me questionava sobre a minha mãe, então nunca disse nada.

Ele continuou:

— Ela me disse para encontrar uma garota pela qual valesse a pena lutar. Aquela que não vem fácil.

Fiquei um pouco constrangida, me perguntado se aquilo significava que eu era um baita pé no saco. Para falar a verdade, eu era mesmo, mas essa não era a questão.

— Ela me disse para nunca parar de lutar, e eu não parei. Ela estava certa.

Ele respirou fundo, como se deixasse aquele pensamento se depositar em seus ossos.

O fato de Travis acreditar que eu era a mulher a quem sua mãe se referia, que ela me aprovaria, me fez sentir uma aceitação que nunca senti antes. Diane, que falecera quase dezessete anos antes, agora me fazia sentir mais amada que a minha própria mãe havia feito.

— Eu amo a sua mãe — falei, me recostando no peito de Travis.

Ele baixou o olhar para mim e, após uma curta pausa, beijou meus cabelos. Eu não podia ver seu rosto, mas ouvia em sua voz quanto ele estava comovido.

— Ela também teria amado você. Não tenho a menor dúvida.

A mulher falou ao rádio novamente: “Atenção, passageiros do voo 2477 da American Airlines com destino a Las Vegas, o embarque terá início em instantes. Os primeiros serão os passageiros que precisarem de auxílio para embarcar e os que estiverem com crianças pequenas, em seguida os passageiros da primeira classe e da classe executiva”.

— E quanto aos excepcionalmente cansados? — Travis disse, se levantando. — Eu preciso de uma droga de um Red Bull. Talvez a gente devesse ter deixado a nossa passagem pra amanhã, como tinha planejado, não?

Ergui uma sobrancelha.

— Você tem algum problema com o fato de eu estar com pressa em me tornar a sra. Travis Maddox?

Ele balançou a cabeça, me ajudando a ficar de pé.

— Claro que não! Eu ainda estou em estado de choque, se você quer saber a real. Só não quero que você se apresse por estar com medo de mudar de ideia.

— Talvez eu esteja com medo de você mudar de ideia.

As sobrelanceiras dele se juntaram e ele me envolveu em seus braços.

— Você não pode pensar isso de verdade. Você precisa saber que não tem nada que eu queira mais do que isso.

Fiquei na ponta dos pés e dei um selinho nele.

— Acho que estamos prestes a embarcar num avião com destino a Las Vegas para nos casar, é nisso que estou pensando.

Travis me apertou ao seu lado e então me beijou animado da bochecha até a clavícula. Dei uma risadinha nervosa enquanto ele fazia cócegas no meu pescoço e ri ainda mais alto quando ele me ergueu do chão. Ele me beijou uma última vez antes de pegar minha bolsa no chão, e então me conduziu pela mão até a fila.

Mostramos nossa passagem e descemos de mãos dadas pela plataforma de embarque. As comissárias de bordo nos deram uma olhada e sorriram, como se soubessem o que estávamos prestes a fazer. Travis passou pelo nosso assento, para me deixar entrar, colocou a nossa bagagem de mão no compartimento acima de nós e desmoronou ao meu lado.

— A gente devia tentar dormir, mas eu não sei se consigo. Estou agitado pra caralho.

— Você acabou de dizer que precisava de um Red Bull.

A covinha dele apareceu quando ele sorriu.

— Pare de dar ouvidos a tudo que eu falo. Provavelmente não vou fazer sentido pelos próximos seis meses, enquanto tento processar o fato de ter conseguido tudo o que eu sempre quis na vida.

Eu me inclinei para olhar em seus olhos.

— Trav, se você está se perguntando por que estou com tanta pressa de me casar com você... Isso que você acabou de dizer é apenas um dos muitos motivos.

— É?

— É.

Ele se ajeitou no assento e colocou a cabeça no meu ombro, passando o nariz pelo meu pescoço algumas vezes antes de relaxar. Toquei os lábios na testa dele e depois olhei pela janela, esperando enquanto os outros passageiros passavam por ali e rezando em silêncio para que o piloto arrancasse logo. Eu nunca tinha ficado tão grata como agora por minha incomparável cara de paisagem. Eu queria me levantar e gritar como agora para todo mundo se sentar e para o piloto decolar logo, mas me proibi até de ficar inquieta e forcei meus músculos a relaxar.

Os dedos de Travis encontraram os meus e nós os entrelaçamos. O hálito dele aquecia meu ombro, espalhando a calidez pelo meu corpo todo. Às vezes eu só queria me afogar no Travis. Eu pensava no que poderia acontecer se meu plano não desse certo. Travis sendo preso, julgado no tribunal e, a pior das possibilidades, indo para a prisão. Ciente de que era possível que eu ficasse separada dele por um bom tempo, senti que

uma promessa de ficar com ele para sempre não parecia suficiente. Meus olhos se encheram de lágrimas e uma delas escapou, rolando bochecha abaixo. Eu a limpei rapidamente. Droga, o cansaço sempre me deixava mais emotiva.

Os outros passageiros estavam colocando suas bagagens no lugar, afivelando o cinto de segurança, fazendo esse movimento sem ter a mínima ideia de que a nossa vida estava prestes a mudar para sempre.

Eu me virei para olhar através da janela. Qualquer coisa para tirar da mente a urgência de decolar logo.

— Anda logo — sussurrei.



Travis

Foi fácil relaxar quando descansei a cabeça no ombro da Abby. Seus cabelos ainda cheiravam um pouco a fumaça, e suas mãos ainda estavam rosadas e inchadas de forçar abertura da janela do porão. Tentei tirar a imagem da minha cabeça: as manchas de fuligem em seu rosto, os olhos assustados vermelhos e irritados por causa da fumaça, ressaltados pelo rímel preto borrado em volta deles. Se eu não tivesse ficado para trás, ela poderia não ter conseguido escapar. A vida sem Abby não me parecia muito uma vida. Eu não queria nem imaginar como seria perdê-la. Sair de um pesadelo para uma situação com a qual eu sonhara era uma experiência surpreendente, mas ficar ali encostado na Abby enquanto o avião zunia e a comissária lia sem nenhuma emoção os anúncios pelos alto-falantes, de alguma forma, facilitava a transição.

Procurei os dedos de Abby, entrelaçando os meus nos dela. Sua bochecha pressionava tão sutilmente o topo da minha cabeça que, se eu estivesse prestando atenção em qual fio puxar para acionar o colete salva-vidas, eu poderia ter perdido essa minúscula demonstração de afeto.

Em apenas alguns meses, a pequena mulher ao meu lado tinha se tornado meu mundo inteiro. Eu imaginava como ela ficaria linda em seu vestido de noiva, voltar ao apartamento para vê-la dando uma cara nova ao ambiente, comprando nosso primeiro carro e fazendo aquelas coisas cotidianas e chatas que pessoas casadas fazem, como lavar louça e fazer compras... juntos. Eu me imaginava vendo-a cruzar o palco em sua formatura na faculdade. Depois que nós dois arrumássemos emprego, provavelmente começaríamos uma família. O que aconteceria em três ou quatro anos. Nós dois tínhamos lares arruinados, mas eu sabia que a Abby seria uma baita boa mãe. Pensei em como reagiria quando ela me dissesse que estava grávida, e já me sentia um pouco emocionado quanto a isso.

Nem tudo seria cor de rosa, mas lutar em momentos difíceis era o que fazíamos de melhor, e tivemos momentos difíceis o bastante para saber que podíamos passar por eles.

Com pensamentos de um futuro em que Abby estaria grávida do nosso primeiro filho passando pela minha cabeça, meu corpo relaxou recostado no assento piquento do avião e eu peguei no sono.

O que é que eu estava fazendo ali? O cheiro de fumaça queimava meu nariz, e os choros e gritos distantes faziam meu sangue congelar, mesmo com o suor escorrendo pelo meu rosto. Eu estava de volta às entranhas do Keaton Hall.

— Beija-Flor — gritei. Eu tossia e apertava os olhos, como se isso fosse me ajudar a enxergar melhor em meio à escuridão. — Beija-Flor!

Eu já tinha sentido isso antes. O pânico, a pura adrenalina de estar realmente com medo de morrer. A morte estava só a alguns instantes de distância, mas eu não tinha pensado em como seria morrer sufocado ou queimado vivo. Eu só pensava na Abby. Onde ela estava? Será que estava bem? Como eu iria salvá-la?

Uma única porta do outro lado do ambiente ficou visível, acentuada pelas chamas que se aproximavam. Girei a maçaneta e me precipitei para dentro do cômodo de dez metros quadrados. Eram apenas quatro paredes de blocos de concreto. Uma janela. Um grupo pequeno de garotas e alguns caras estavam encostados na parede mais afastada, tentando alcançar a única saída.

Derek, um dos meus companheiros da fraternidade, erguia uma das meninas, e ela desesperadamente esticava o braço na tentativa de alcançar a janela.

— Você consegue, Lindsey? — ele grunhiu, respirando com dificuldade.

— Não! Eu não consigo alcançar! — ela gritou, arranhando o espaço acima de sua cabeça. Ela vestia uma camiseta rosa da Sigma Cappa, ensopada de suor.

Derek fez um sinal com a cabeça para seu amigo, cujo nome eu não sabia, mas que estava na minha aula de humanas.

— Levante a Emily, Todd! Ela é mais alta!

Todd se curvou para frente e entrelaçou os dedos, mas Emily tinha se colado à parede, paralisada de medo.

— Emily, venha aqui.

O rosto dela se comprimiu. Ela parecia uma garotinha.

— Eu quero a minha mãe — choramingou.

— Vem. Aqui. Porra! — ordenou Todd.

Depois de levar um breve instante para encontrar coragem, Emily se precipitou para longe da parede e subiu em Todd. Ele a impulsionou para cima, mas ela também não conseguia alcançar a janela.

Lainey observou a amiga tentando alcançar a janela, percebeu as chamas se aproximando e então bateu com os punhos cerrados no próprio peito. Ela os cerrou tanto que ambos tremiam.

— Continue tentando, Emily!

— Vamos tentar de outro jeito! — falei, mas eles não me ouviram. Talvez já tivessem tentado diversos caminhos, e essa era a única janela que conseguiram encontrar. Eu me apressei até o corredor escuro e dei uma olhada em volta. Era um beco sem saída. Não tínhamos mais para onde correr.

Voltei lá para dentro, tentando pensar em algo para nos salvar. Lençóis cheios de pó cobriam móveis guardados que se alinhavam pelas paredes, e o fogo os estava usando como caminho. Uma trilha que dava direto para a sala onde estávamos.

Recuei alguns passos e então me virei para encarar os garotos atrás de mim. Seus olhos se arregalaram e eles recuaram para a parede. Lainey, aterrorizada, estava tentando escalar os blocos de cimento.

— Vocês viram a Abby Abernathy? — perguntei. Eles não me ouviram. — Ei! — gritei mais uma vez. Nenhum daqueles garotos reconhecia minha presença ali. Fui em direção ao Derek e gritei. — Ei! — Ele olhou através de mim, para o incêndio, com uma expressão aterrorizada. Olhei para os outros. Eles também não me viram.

Confuso, caminhei até a parede e saltei, tentando alcançar a janela, e então eu estava ajoelhado no chão do lado de fora, olhando lá para dentro. Derek, Todd, Lainey, Lindsey e Emily ainda estavam lá. Tentei abrir a janela, mas ela não se movia. Mesmo assim, continuei tentando, na esperança de que, em algum momento, ela se abrisse e eu pudesse puxá-los para fora.

— Aguentem aí! — gritei. — Socorro! — gritei de novo, na esperança de que alguém me ouvisse.

As garotas se abraçaram e Emily começou a chorar.

— É só um pesadelo. É só um pesadelo. Acorde! Acorde! — ela disse várias e várias vezes.

— Pegue um lençol, Lainey! — Derek odenou. — Enrole e enfie debaixo da porta!

Lainey se arrastou para puxar um lençol de cima de uma mesa. Lindsey a ajudou e então observou a amiga enfiar desesperadamente o lençol sob a porta. Ambas recuaram, olhando para a porta.

— Estamos presos — Todd disse a Derek.

Os ombros de Derek despencaram. Lainey foi em direção a ele, que pôs as duas mãos nas bochechas sujas dela. Eles ficaram com os olhos fixos um no outro. Uma densa fumaça preta se contorceu sob a porta e se infiltrou na sala.

Emily deu um pulo em direção à janela.

— Me levanta, Todd! Eu quero sair! Eu quero sair daqui!

Todd observava os pulos dela com uma expressão de derrota.

— Mãe! — Emily gritava. — Mãe, me ajuda! — Seus olhos estavam na janela, mas ainda assim ela olhava através de mim.

Lindsey esticou a mão para Emily, mas não a tocou.

— Shhh... — disse ela, tentando reconfortá-la de onde estava.

Ela cobriu a boca com as mãos e começou a tossir. Olhou para Todd, lágrimas escorriam pelo seu rosto.

— Nós vamos morrer.

— Eu não quero morrer! — Emily gritou, ainda pulando.

Enquanto a fumaça enchia a sala, eu socava a janela, várias e várias vezes. A adrenalina deve ter sido inacreditável, porque eu não conseguia sentir minha mão socando o vidro, mesmo usando toda a força que eu tinha.

— Me ajudem! Socorro! — eu gritei, mas ninguém veio me ajudar.

A fumaça bateu na janela e fez um redemoinho, e as tosses e os choros foram silenciados.

Abri os olhos e olhei ao redor. Eu estava no avião com a Abby, minhas mãos seguravam com firmeza os descansos de braço da poltrona, e cada músculo do meu corpo se enrijeceu.

— Travis? Você está suando — Abby disse, e pôs a mão na minha bochecha.

— Já volto — falei, soltando rapidamente o cinto de segurança.

Corri até os fundos do avião e abri com um solavanco a porta do banheiro, então me

tranquei lá dentro. Girando a torneira da pia, joguei água no rosto e então fiquei encarando o espelho, observando as gotas deslizarem pelo meu maxilar e caírem no balcão.

Eles estavam lá por minha causa. Eu sabia que o Keaton não era seguro e sabia que tinha muita gente naquele porão, e deixei que aquilo acontecesse. Contribuí com dezenas de mortes, e agora eu estava em um avião com destino a Las Vegas. Qual era a merda do meu problema?

Voltei para o meu assento e afivelei o cinto ao lado de Abby.

Ela ficou me encarando, imediatamente notando que havia algo errado comigo.

— O que foi?

— A culpa é minha.

Ela balançou a cabeça e manteve a voz baixa.

— Não. Não faça isso.

— Eu devia ter dito não. Eu devia ter insistido em um lugar mais seguro.

— Você não sabia o que ia acontecer. — Ela olhou de relance ao redor, se certificando de que ninguém estava ouvindo nossa conversa. — É horrível. É tenebroso. Mas nós não podíamos parar aquilo. Não podemos mudar o que aconteceu.

— E se eu for preso, Abby? E se eu for parar na cadeia?

— Shhh — ela disse, me fazendo lembrar da forma como Lindsey tentava confortar Emily no meu sonho. — Não vai acontecer — sussurrou ela. Seus olhos estavam focados, determinados.

— Talvez devesse acontecer.

3

PESSOA DE SORTE

Abby

Quando as rodas do avião tocaram a pista de pouso do Aeroporto Internacional McCarran, Travis finalmente estava relaxado e apoiado no meu ombro. As luzes brilhantes de Las Vegas haviam estado visíveis pelos últimos dez minutos, sinalizando como um farol tudo o que eu odiava... e tudo o que eu queria.

Travis despertou devagar, espiando rapidamente janela afora, antes de beijar a curva do meu ombro.

— Chegamos?

— Viva! Eu achei que você ia voltar a dormir. O dia vai ser longo.

— De jeito nenhum eu ia voltar a dormir depois daquele sonho — ele disse, se alongando. — Nem sei se quero dormir de novo.

Meus dedos pressionaram os dele. Eu odiava vê-lo assim tão abalado. Ele não quis falar sobre o sonho, mas não precisou muito para eu sacar onde é que ele estava enquanto dormia. Eu me perguntava se alguém que escapara do Keaton seria capaz de fechar os olhos sem ver a fumaça e os rostos de pânico. O avião chegou ao portão, o sinal indicando o uso do cinto se apagou e as luzes da cabine foram acesas, sinalizando para que todos se levantassem e pegassem suas bagagens de mão. Todo mundo estava com pressa, ainda que ninguém fosse sair dali antes das pessoas sentadas à sua frente.

Permaneci sentada fingindo paciência, observando Travis se levantar para puxar nossa bagagem. A camiseta dele levantou quando ele esticou o braço, revelando os músculos de seu abdômen se movendo e em seguida se contraindo quando ele trouxe as malas para baixo.

— Tem um vestido aqui dentro?

Balancei a cabeça em negativa.

— Pensei em comprar um por aqui.

Ele assentiu uma vez.

— É, eu aposto que tem um monte de vestidos para você escolher aqui. Opções melhores para um casamento em Vegas do que na nossa cidade.

— Exatamente a minha linha de pensamento.

Travis esticou a mão e me ajudou a dar os dois passos até o corredor do avião.

— Não importa o que você vestir, vai ficar linda.

Eu lhe dei um beijo na bochecha e peguei minha mala assim que a fila começou a andar. Nós seguimos os outros passageiros pela plataforma e entramos no terminal.

— *Déjà vu* — Travis sussurrou.

Senti a mesma coisa. As máquinas caça-níqueis entoavam seu canto de sereia e piscavam luzes coloridas e brilhantes, falsamente prometendo sorte e muito dinheiro. Da última vez em que Travis e eu estivemos aqui, era fácil saber quem eram os casais que iam se casar, e eu me perguntei se também éramos assim tão óbvios.

Travis pegou a minha mão enquanto atravessávamos a área das esteiras de bagagem, e então seguimos até o sinal indicando TÁXIS. As portas automáticas se abriram e nós adentramos o ar noturno do deserto. Ainda estava sufocantemente quente e seco. Respirei o calor, permitindo que Las Vegas invadisse cada parte do meu ser.

Casar com Travis seria a coisa fácil mais difícil que eu já teria feito na vida. Eu precisava despertar as partes do meu ser moldadas nos cantos mais obscuros desta cidade para fazer meu plano funcionar. Se Travis achasse que eu estava fazendo isso por qualquer outro motivo que não apenas querer me comprometer com ele, ele nunca me deixaria fazer isso, e o Travis não era exatamente um cara ingênuo e, pior, me conhecia melhor que ninguém; ele sabia do que eu era capaz. Se eu conseguisse realizar o casamento e manter Travis fora da cadeia, sem ele saber de nada, seria o melhor blefe da minha vida.

Mesmo tendo passado pela multidão que esperava a bagagem, havia uma fila enorme para os táxis. Suspirei. Nós deveríamos estar nos casando agora. Já estava escuro. Havia se passado cinco horas desde o incêndio. A gente não podia se dar ao luxo de mais filas.

— Flor? — Travis apertou a minha mão. — Você está bem?

— Estou — falei, balançando a cabeça e sorrindo. — Por quê?

— Você parece... um pouco tensa.

Refleti sobre o estado do meu corpo; qual era a minha postura, minha expressão facial, qualquer coisa que pudesse lhe dar uma pista. Meus ombros estavam tão rígidos que se erguiam até quase as orelhas, então eu os forcei a relaxar.

— Só estou pronta.

— Para acabar logo com isso? — ele perguntou, arqueando minimamente as sobrancelhas.

Se eu não o conhecesse, nunca teria percebido.

— Trav — falei, envolvendo sua cintura com meus braços. — A ideia foi minha, lembra?

— Assim como da última vez em que viemos a Vegas. Você lembra como aquilo terminou?

Eu ri, e então me senti péssima. A linha vertical que suas sobrancelhas formavam se aprofundou. Aquilo era muito importante para ele. A forma como ele me amava era devastadora na maior parte do tempo, mas naquela noite era diferente.

— Estou com pressa sim. Você não?

— Sim, mas tem alguma coisa errada.

— Você só está nervoso. Pare de se preocupar.

Sua expressão ficou mais suave e ele se inclinou para beijar os meus cabelos.

— Tá bom. Se você diz que está tudo bem, vou acreditar em você.

Quinze longos minutos depois, estávamos na frente da fila. Um táxi encostou junto ao meio-fio e parou. Travis abriu a porta para mim, e eu baixei a cabeça para entrar no

banco traseiro, deslizando para o lado para esperar que Travis entrasse também. O motorista olhou por cima do ombro.

— Viagem curta?

Travis colocou nossa única bagagem de mão na frente dele, no assoalho do táxi.

— Viajamos com pouca coisa.

— Bellagio, por favor — eu disse calmamente, tirando o tom de urgência da minha voz.

Com uma letra que eu não entendia, uma melodia animada e meio circense soava pelos alto-falantes enquanto seguíamos do aeroporto até o centro comercial. As luzes eram visíveis quilômetros antes de chegarmos ao hotel.

Quando chegamos à The Strip, notei um rio de pessoas subindo e descendo pelas laterais da via. Até de madrugada, as calçadas estavam lotadas de solteiros, mulheres empurrando carrinhos com bebês que dormiam, gente fantasiada tirando fotos em troca de gorjeta e homens de negócios — aparentemente querendo relaxar.

Travis colocou o braço em volta dos meus ombros. Eu me apoiei nele, tentando não olhar para o relógio pela décima vez.

O táxi parou na entrada circular de carros do Bellagio, e Travis se inclinou para frente com o dinheiro para pagar o motorista. Então puxou a nossa mala de rodinhas para fora e esperou por mim. Eu me apressei para fora do carro, segurando a mão dele e pisando no concreto. Como se não fosse alta madrugada, as pessoas estavam de pé na fila do táxi rumo a um cassino diferente, e outras voltaram, trôpegas e rindo depois de uma longa noite de bebedeira.

Travis apertou minha mão.

— Nós estamos mesmo aqui.

— É! — falei, puxando-o para dentro.

O teto era enfeitado de uma forma distrativa. Todo mundo no saguão estava em pé com o nariz para cima.

— O que você está...? — eu falei, me virando para Travis.

Ele me deixava puxá-lo enquanto absorvia o esplendor do teto.

— Olha, Flor! Aquilo é... uau! — ele disse, admirado com as flores imensas e coloridas que beijavam o teto.

— É! — respondi, arrastando-o até a recepção. — Viemos fazer o check-in — falei. — E precisamos agendar um casamento em uma capela local.

— Qual delas? — o homem perguntou.

— Qualquer uma. Uma capela legal. Que funcione vinte e quatro horas.

— Nós podemos arranjar isso. Só vou registrar vocês aqui, e depois o concierge vai poder ajudá-los com a capela, shows e o que mais vocês quiserem.

— Ótimo — falei, me virando para Travis com um sorriso triunfante. Ele ainda estava com o olhar fixo no teto. — Travis! — eu disse, puxando-o pelo braço.

Ele se virou, saindo de seu estado hipnótico.

— Oi?

— Você pode ir até o concierge e agendar o nosso casamento?

— Sim? Quero dizer, sim! Posso. Em qual capela?

Ri uma vez.

— Uma aqui perto. Que fique aberta a noite inteira. Classuda.

— Entendido — ele disse.

Travis me deu um beijo estalado na bochecha antes de empurrar a mala de rodinhas na direção da mesa do concierge.

— Nossa reserva está em nome de Maddox — falei, sacando um papel impresso. — Esse é o número da nossa reserva.

— Ah, sim. Eu tenho uma suíte de lua de mel disponível, se quiserem fazer um upgrade.

Balancei a cabeça em negativa.

— Estamos bem assim.

Travis estava do outro lado do salão, conversando com um homem atrás da mesa. Eles estavam olhando um panfleto, e ele exibia um imenso sorriso enquanto o homem apontava para os diferentes lugares.

— Por favor, faça dar certo — sussurrei.

— Pois não, senhora?

— Ah. Nada — falei, enquanto ele voltava a clicar no computador.



Travis

Abby se inclinou com um sorriso quando beijei sua bochecha e então continuou com o nosso check-in enquanto eu me dirigi até o concierge para escolher a capela. Olhei de relance para a minha em breve futura esposa, as longas pernas apoiadas nos sapatos de salto plataforma que faziam um belo par de pernas parecer ainda mais bonito. Sua blusa fina e esvoaçante era suficientemente transparente para me deixar desapontado ao ver uma regata por baixo. Seus óculos de sol favoritos estavam sobre a aba de seu chapéu fedora predileto, e só alguns longos cachos dos cabelos caramelos, levemente ondulados por secar naturalmente depois do banho, caíam em cascata sob o chapéu. Meu Deus, aquela mulher era sexy pra caralho. Ela nem precisava se esforçar, e tudo o que eu queria era cair matando em cima dela. Agora que estávamos noivos, pensar nisso não soava como canalhice.

— Senhor? — disse o concierge.

— Ah, sim. Ei — falei, dando uma última olhada em Abby antes de voltar minha total atenção para o cara. — Eu preciso de uma capela. Que fique aberta a noite toda. Classuda.

Ele sorriu.

— É claro, senhor. Temos várias capelas bem aqui no Bellagio. Elas são simplesmente lindas e...

— Por acaso, você não teria o Elvis em uma capela aqui, teria? Eu acho que, se a gente vai se casar em Vegas, o Elvis devia celebrar o nosso casamento, ou pelo menos ser convidado, sabe?

— Não, senhor, eu peço desculpas, mas as capelas do Bellagio não oferecem um sócio do Elvis. No entanto, posso fornecer alguns números de telefone para que o senhor

solicite que um apareça em seu casamento. Há também, claro, a mundialmente famosa Capela Graceland, se preferirem. Eles têm pacotes que incluem um sócia do Elvis.

— É classuda?

— Eu tenho certeza de que vocês ficarão muito satisfeitos.

— Ok, essa daí então. O mais rápido possível.

O concierge sorriu.

— Estamos com pressa, não?

Comecei a forçar um sorriso, mas me dei conta de que já estava sorrindo, e provavelmente tinha estado assim, como um idiota, desde a minha chegada à recepção.

— Está vendo aquela garota ali?

Ele olhou para Abby. Rapidamente. Respeitosamente. Gostei dele.

— Sim, senhor. O senhor é um homem de sorte.

— Puta merda, sou mesmo! Vamos agendar o casamento para daqui a duas... talvez três horas? Ela vai precisar de um tempo para pegar algumas coisas e se aprontar.

— Muito atencioso de sua parte, senhor. — Ele apertou algumas teclas e pegou o mouse, movendo-o pela tela e dando alguns cliques. Seu sorriso desapareceu quando ele se concentrou, e então seu rosto se iluminou novamente quando terminou. A impressora zuniu, e em seguida ele me entregou um pedaço de papel. — Aqui está, senhor. Parabéns!

Ele ergueu o punho e eu bati, sentindo como se ele tivesse acabado de me entregar um bilhete de loteria premiado.

4

TRÊS HORAS

Travis

Abby segurou a minha mão, me puxando com ela enquanto caminhávamos pelo cassino em direção aos elevadores. Eu estava arrastando os pés, tentando dar uma olhada por ali antes de subirmos. Só tinham se passado alguns meses desde a última vez em que estivemos em Vegas, mas dessa vez era menos estressante. Estávamos ali por um motivo muito melhor. Independentemente disso, Abby ainda estava toda concentrada, se recusando a parar por tempo o bastante para eu me sentir confortável demais em volta das mesas. Ela odiava Las Vegas, e tinha um bom motivo para isso, o que me fazia questionar ainda mais por que escolhera ir até ali, mas, já que ela estava em uma missão para se tornar minha esposa, eu é que não ia discutir.

— Trav — ela disse, ofegante. — Os elevadores estão bem... ali... — Ela me puxou mais algumas vezes em direção ao nosso destino final.

— A gente está de férias, Flor. Relaxa.

— Não, nós vamos nos casar e temos menos de vinte e quatro horas para isso.

Apertei o botão do elevador e empurrei a gente para um espaço mais livre ao lado da multidão. Não deveria ser surpreendente que houvesse tantas pessoas terminando a noite quase ao amanhecer, mas até mesmo um cara selvagem de fraternidade como eu poderia ficar impressionado naquele lugar.

— Eu ainda não consigo acreditar — falei.

Levei os dedos dela à boca e os beijei.

Abby ainda estava olhando acima das portas do elevador, observando os números diminuírem.

— Você já disse isso. — Ela olhou para mim e um dos cantos de sua boca se voltou para cima. — acredite, baby. Estamos aqui.

Meu peito se elevou enquanto meus pulmões se enchiam de ar, me preparando para soltar um longo suspiro. Meus ossos e músculos não ficavam tão relaxados assim fazia muito tempo — ou talvez nunca tenham ficado. Minha mente estava tranquila. Era estranho sentir todas essas coisas, sabendo o que tínhamos acabado de deixar para trás no campus e, ao mesmo tempo, me sentindo tão responsável. Era desorientador e perturbador se sentir feliz em um minuto e como um criminoso no minuto seguinte.

Uma fenda se formou entre as portas do elevador e então elas lentamente se afastaram uma da outra, permitindo que os passageiros saíssem para o corredor. Abby e eu pisamos dentro do elevador juntos, com a nossa pequena mala de lona com rodinhas.

Uma mulher estava com uma bolsa grande, uma mala com rodinhas duas vezes maior que a nossa e uma mala vertical com quatro rodinhas na qual caberiam pelo menos duas crianças.

— Está de mudança pra cá? — perguntei a ela. — Legal! — Abby enfiou o cotovelo nas minhas costelas.

A mulher deu uma longa olhada para mim e depois para Abby, e então falou com sotaque francês.

— Não. — E desviou o olhar, claramente descontente por eu ter falado com ela.

Abby e eu trocamos olhares, e então ela arregalou os olhos, silenciosamente dizendo: *Uau, que vaca*. Tentei não rir. Nossa, eu amava aquela mulher e amava saber o que ela estava pensando sem ela dizer uma única palavra.

A francesa fez um movimento de cabeça.

— Pressione o trigésimo quinto andar, por favor.

Quase a cobertura. Claro.

Quando as portas se abriram no vigésimo quarto andar, Abby e eu pisamos meio perdidos no carpete ornamentado, fazendo aquela caminhada em busca do nosso quarto que as pessoas sempre fazem em hotéis. Finalmente, no fundo do corredor, Abby inseriu o cartão na porta e o puxou com rapidez.

A porta fez um clique. A luz ficou verde. Entramos.

Abby acendeu a luz e puxou a bolsa por cima da cabeça, jogando-a na cama king size. Ela sorriu para mim.

— Isso é legal.

Soltei a alça da mala, deixando-a cair no chão, e peguei Abby nos braços.

— Então é isso. Estamos aqui. Quando dormirmos naquela cama mais tarde, seremos marido e mulher.

Abby olhou dentro dos meus olhos, de maneira profunda e pensativa, e então pôs a mão em concha em um dos lados do meu rosto. Um canto de sua boca se ergueu.

— Com certeza, seremos.

Eu não consegui começar a imaginar que pensamentos estariam girando por trás de seus belos olhos cinza, porque, quase que imediatamente, aquele olhar contemplativo desapareceu.

Ela se ergueu na ponta dos pés e me deu um selinho.

— A que horas é o casamento?



Abby

— Em *três* horas?

Mantive os músculos relaxados mesmo com todo meu corpo querendo ficar tenso. Nós estávamos desperdiçando tempo demais, e eu não tinha como explicar ao Travis por que queria acabar logo com aquilo.

Acabar logo com aquilo? Era assim que eu realmente me sentia? Talvez não fosse

só o fato de o Travis precisar de um álibi plausível. Talvez eu temesse amarelar se tivesse muito tempo para pensar no que estávamos fazendo.

— É — Travis disse. — Eu imaginei que você precisaria de um tempo para conseguir um vestido e arrumar os cabelos e fazer todas aquelas merdas de garotas. Foi isso... Eu me enganei?

— Não, não, tudo bem. Acho que eu estava pensando que a gente ia chegar e se casar logo, mas você tem razão.

— Nós não vamos ao Red, Flor. Vamos nos casar. Sei que não é numa igreja, mas achei que a gente...

— É. — Balancei a cabeça e fechei os olhos por um segundo, então olhei para ele. — Sim, você está certo. Desculpa. Vou lá embaixo arrumar algo branco, e então volto para me aprontar. Se eu não conseguir encontrar nada por aqui, vou até o Crystals. Tem mais lojas por lá.

Travis veio em minha direção, parando a poucos centímetros de mim. Ele ficou me observando por um bom tempo, o bastante para que eu me sentisse constrangida.

— Me conta — ele sussurrou.

Não importava quanto eu tentasse explicar, Travis me conhecia bem o bastante para saber, com ou sem cara de paisagem, que eu estava escondendo alguma coisa dele.

— Acho que o que você está vendo é exaustão. Eu não dormi em quase vinte e quatro horas.

Ele suspirou, me deu um beijo na testa e foi até o frigobar. Abaixou-se e então se virou, erguendo duas latas de Red Bull.

— Problema resolvido.

— Meu noivo é um gênio.

Ele me entregou uma das latas e depois me tomou em seus braços.

— Eu gosto disso.

— De eu achar você um gênio?

— De ser seu noivo.

— É mesmo? Mas não se acostume. Vou chamar você de algo diferente em três horas.

— Vou gostar ainda mais do novo nome. — Eu sorri, observando Travis abrir a porta do banheiro. — Enquanto você procura um vestido, vou tomar outro banho, fazer a barba e depois tentar encontrar algo para vestir.

— Então você não vai estar aqui quando eu voltar?

— Você quer que eu esteja? É na Capela Graceland, certo? Achei que a gente ia se encontrar lá.

Balancei a cabeça.

— Seria bem legal a gente se ver só na hora, vestidos e preparados para subir ao altar.

— Você vai ficar andando por Las Vegas sozinha por três horas?

— Eu cresci aqui, lembra?

Travis pensou por um momento.

— O Jesse ainda está trabalhando como gerente do cassino?

Ergui uma sobrancelha.

— Não sei. Não tenho falado com ele. Mas, mesmo se estiver, o único cassino do

qual estarei próxima é o Bellagio, e apenas por tempo o suficiente para chegar ao nosso quarto.

Travis pareceu satisfeito com isso, e então assentiu.

— Encontro você lá.

Ele piscou para mim e, em seguida, fechou a porta do banheiro.

Agarrei minha bolsa e o cartão-chave do quarto e, depois de dar uma espiada na porta do banheiro, peguei o celular do Travis do criado-mudo.

Ao abrir seus contatos, pressionei o nome de que precisava, enviei uma mensagem de texto para mim mesma com as informações do contato e então deletei a mensagem, no segundo após ter sido enviada. Quando coloquei o celular dele no lugar, a porta do banheiro se abriu e Travis apareceu só de toalha.

— E a certidão de casamento? — ele me perguntou.

— O pessoal da capela vai cuidar disso por uma taxa extra.

Travis assentiu, parecendo aliviado, e então fechou a porta novamente.

Abri rapidamente a porta do quarto e caminhei até o elevador, em seguida ligando para o novo número.

— Por favor, atenda — sussurrei.

A porta do elevador se abriu, revelando uma multidão de jovens mulheres, provavelmente só um pouco mais velhas do que eu. Elas estavam rindo e falando arrastado, metade delas discutindo a noite que tiveram, as outras decidindo se deveriam ir para a cama ou ficar acordadas para não perder o voo de volta para casa.

— Atende, droga! — falei após o primeiro toque. Depois de três toques, ouvi o sinal da caixa postal.

Você ligou para o Trent. Você sabe o que fazer.

— Argh — bufei, deixando minha mão cair sobre a coxa. A porta se abriu e caminhei determinada até as lojas do Bellagio.

Depois de olhar coisas enfeitadas demais, cafonas, com muita renda, muitas contas e muito... muito de tudo, eu finalmente encontrei: o vestido que usaria para me tornar a sra. Maddox. Era branco, claro, e abaixo do joelho. Relativamente simples, pra falar a verdade, exceto pelo decote canoa de tecido transparente e uma fita de cetim branco em volta da cintura. Parei diante do espelho, deixando meus olhos analisarem cada linha e cada detalhe. O vestido era lindo, e eu me senti linda nele. Em poucas horas, eu estaria ao lado de Travis Maddox, observando seus olhos percorrerem cada curva do tecido.

Caminhei ao longo da parede, analisando os diversos véus. Depois de experimentar o quarto, coloquei-o de volta no lugar, confusa. Um véu era algo certinho demais. Inocente demais. Um outro mostruário me chamou a atenção e fui até ele, deixando meus dedos percorrerem as diferentes contas, pérolas, pedras e metais de diversos prendedores de cabelo. Eram menos delicados e mais... a minha cara. Havia tantos sobre a mesa, mas eu acabava sempre voltando a um em particular: um pequeno pente de prata com dúzias de pedrarias de diferentes tamanhos que, de algum jeito, formavam uma borboleta. Sem saber por quê, peguei-o e tive a certeza de que era perfeito.

Os sapatos ficavam no fundo da loja. Eles não tinham uma imensa variedade, mas a minha sorte é que eu não era muito exigente e escolhi o primeiro par de sandálias prateadas de salto alto com tiras que vi. Duas das tiras passavam sobre os meus dedos, e outras duas, ao redor do tornozelo, com um conjunto de pérolas camuflando o fecho.

Felizmente tinham a sandália no tamanho 36, e assim eu já estava no último item da minha lista: joias.

Escolhi um simples porém elegante par de brincos de pérola. Na parte de cima, onde se prendiam às orelhas, havia uma pequena zircônia em forma de cubo, chamativa apenas o bastante para uma ocasião especial. Escolhi também um colar combinando. Nunca na vida eu havia desejado me destacar. Aparentemente, nem no meu casamento isso mudaria.

Pensei na primeira vez em que me deparei com o Travis. Ele estava suado, sem camisa e ofegando, e eu, coberta com o sangue de Marek Young. Isso tinha sido só seis meses atrás, e agora íamos nos casar. E eu tinha dezenove anos. Eu tinha só dezenove anos.

Mas que merda eu estou fazendo?

Fiquei parada perto do caixa, observando o recibo sendo impresso com o valor do vestido, dos sapatos, do prendedor de cabelo e das joias, tentando não ter um ataque.

A ruiva atrás do balcão puxou o recibo e o entregou para mim com um sorriso.

— É um lindo vestido. Bela escolha.

— Obrigada — falei.

Eu não tinha certeza se havia ou não sorrido em resposta. Repentinamente confusa, fui embora segurando a sacola contra o peito.

Depois de uma rápida parada na joalheria para pegar uma aliança preta de titânio para Travis, olhei de relance para meu celular e então o joguei de volta na bolsa. Eu não estava perdendo tempo.

Quando entrei no cassino, minha bolsa começou a vibrar. Coloquei a sacola de compras entre as pernas e estiquei a mão para pegar o celular. Depois de dois toques, meus dedos passaram a buscar desesperados, agarrando e jogando tudo para o lado na tentativa de atender a ligação a tempo.

— Alô? — chiei. — Trent?

— Abby? Está tudo bem?

— Tá. — Inspirei enquanto me sentava no chão e me recostava na máquina caça-níqueis mais próxima. — Nós estamos bem. Como você está?

— Andei conversando com a Cami. Ela está bem chateada com o lance do incêndio. Ela perdeu alguns dos clientes regulares.

— Ah, meu Deus, Trent. Eu sinto muito. Não consigo acreditar nisso. Não parece que foi real — falei, sentindo a garganta apertada. — Tinha tanta gente lá. É bem provável que os pais deles ainda nem saibam — levei a mão ao rosto.

— É. — Ele soltou um suspiro, parecendo cansado. — Aquilo lá parece uma zona de guerra. Que barulho é esse? Você está em um fliperama?

Ele pareceu enojado, como se já soubesse a resposta e não conseguisse acreditar que fôssemos tão insensíveis.

— O quê? — falei. — Ah, meu Deus, não. Nós... nós pegamos um voo até Las Vegas.

— *O quê?* — ele disse, irado. Ou talvez apenas confuso, eu não conseguia saber ao certo. Ele se irritava com facilidade.

Eu me encolhi com o tom de desaprovação em sua voz, ciente de que aquilo era só o começo. Eu tinha um objetivo. Precisava colocar meus sentimentos de lado da melhor

forma possível até conseguir aquilo pelo que viera a Vegas.

— Só me escuta. É importante. Não tenho muito tempo e preciso da sua ajuda.

— Tá bom. Com o quê?

— Não fale, só me ouça. Promete?

— Abby, para de brincadeira. Fala logo, porra.

— Tinha muita gente naquela luta ontem à noite. Muita gente morreu. Alguém vai ser preso por isso.

— Você está achando que vai ser o Travis?

— Ele e o Adam, sim. Talvez o John Savage e qualquer outra pessoa que acharem que organizou aquilo. Graças a Deus o Shepley não estava na cidade.

— O que vamos fazer?

— Eu pedi o Travis em casamento.

— Humm... ok. E como diabos isso vai ajudar o Travis?

— Nós estamos em Vegas. Talvez, se a gente conseguir provar que estava se casando poucas horas depois daquilo, mesmo que alguns bêbados da fraternidade testemunhem dizendo que ele estava na luta, isso soe maluco o bastante a ponto de criar uma dúvida razoável.

— Abby — ele suspirou.

O choro ficou preso na minha garganta.

— Não diga isso. Se você acha que não vai dar certo, apenas não me diga, tá bom? Foi tudo que consegui pensar, e, se o Travis descobrir por que eu estou fazendo isso, ele vai se recusar.

— É claro que vai, Abby. Eu sei que você está com medo, mas isso é loucura. Você não pode se casar com ele para mantê-lo fora de confusão. De qualquer forma, isso não vai dar certo. Vocês só saíram depois da luta.

— Eu falei para você não dizer isso.

— Desculpa. O Travis também não ia querer que você fizesse isso. Ele iria gostar se você casasse com ele porque quer. Se algum dia ele descobrir, isso vai partir o coração dele.

— Não se desculpe, Trent. Isso vai funcionar. Pelo menos vai dar a ele uma chance. É uma chance, certo? Melhor que antes.

— Acho que sim — ele disse, soando derrotado.

Suspirei e depois assenti, cobrindo a boca com a minha mão livre. As lágrimas embaçaram a minha visão, fazendo com que o chão do cassino parecesse um caleidoscópio. Uma chance era melhor que nada.

— Parabéns — ele disse.

— Parabéns! — Cami disse ao fundo. A voz dela parecia cansada e rouca, mas eu tinha certeza de que ela estava sendo sincera.

— Obrigada. Me mantenha informada. Avise se eles sondarem os arredores da casa, ou se ficar sabendo de alguma coisa sobre uma investigação.

— Vou fazer isso... e é estranho pra caralho que o nosso irmão caçula seja o primeiro a se casar.

Dei risada uma vez.

— Você vai superar.

— Vai se ferrar. E eu amo você.

— Amo você também, Trent.

Segurei o celular no colo com as duas mãos, observando as pessoas passarem por mim e me encararem. Obviamente, elas se perguntavam por que eu estava sentada no chão, mas não a ponto de me perguntar. Eu me levantei, peguei a bolsa e a sacola de compras e respirei fundo.

— Lá vem a noiva — falei, dando os primeiros passos.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Belo Casamento"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).